

# Renascimento Cultural

João Pedro Ricaldes dos Santos – História 2011

**Define-se como humanismo a tendência a se valorizar a experiência humana e a natureza, não apenas o divino e o transcendente. Este modo de pensar, estimulado pelo contexto individualista e competitivo do renascimento comercial e urbano, foi manifestado nas artes, na ciência e na literatura, dando origem ao chamado Renascimento Cultural**

Ocorrido entre os séculos XV e XVI, o Renascimento Cultural foi um movimento de contestação dos valores medievais, inspirado na cultura greco-romana, que refletiu os valores sociais da burguesia em ascensão.

Longe de ser um movimento materialista, o renascimento tratou até mesmo os temas espirituais e religiosos de um ponto de vista humanista. Assim, por exemplo, o naturalismo das figuras de Michelangelo, em corpos e músculos anatomicamente retratados, expressa uma profunda preocupação pela salvação e pela revelação nos painéis da Capela Sistina. Na arte medieval, o mesmo tema da criação de Adão evitava realçar os traços do corpo e da expressão humana, o que difere do tratamento dado por Michelangelo.

Outro exemplo: o estudo matemático e ousado dos movimentos dos astros, na pesquisa racional do alemão Johan Kepler, era na verdade, a busca do pensamento de Deus, segundo as próprias palavras do pesquisador. Em ambos os casos, tratava-se, assim, de uma espiritualidade humanista.

Observa-se, portanto, que a mentalidade renascentista não se restringia às artes visuais, mas também se encontrava na ciência e na literatura. O racionalismo manifestado na Ciência rejeita o dogmatismo medieval, isto é, aquela tendência predominante de buscar o conhecimento a partir de conceitos religiosos precedentes. Em seu lugar, Galileu, o defensor do heliocentrismo, praticava o empirismo, ou seja, a busca do conhecimento pela experiência prática, pela observação empírica. Foi assim também que Kepler descobriu o movimento elíptico dos astros.

Foi assim que Newton chegou à lei da gravitação universal. As pinturas de Leonardo da Vinci também resultaram da observação do pássaros, das flores e de cadáveres.

Há ainda outro traço em comum entre todos estes mestres renascentistas: a crença profunda na própria capacidade de inovar e de romper com tudo em que se acreditava. Isto pressupõe um ambiente social de predomínio do individualismo e de certo otimismo, não o coletivismo sufocante da sociedade feudal. A mesma postura individualista move o comportamento de Lutero e de Colombo, exemplos de mentalidade renascentista no campo da religião (com a exploração individual dos caminhos que levam a Deus) e das navegações (com a exploração de novos caminhos que levariam ao Oriente)

A mesma ruptura se encontra na Literatura. Miguel de Cervantes, através do personagem de Dom Quixote de La Mancha, oferece uma sátira aos valores guerreiros dos contos de cavalaria. A Literatura também revela o uso de modelos greco-romanos: Camões recorre ao formato e ao tema da Odisséia para glorificar as navegações portuguesas. Shakespeare, por sua vez, recorre ao modelo da tragédia grega (Édipo-Rei) para recriar a tragédia da peça Hamlet.

Enfim, o contexto social ajuda a entender o renascimento cultural, pois este é uma expressão cultural das transformações que a Europa Ocidental vive no plano econômico (renascimento comercial e urbano e a expansão marítima) bem como no plano social (ascensão da burguesia), no plano religioso (reforma protestante) e, finalmente, no plano político (monarquias nacionais).